O PADRE MORORÓ

— E —

Seus julgadores perante a Historia

O meu illustre collega e digno confrade Viriato Corrêa, de quem guardo, presentemente, as mais gratas reminiscencias academicas, de Recife, quando a esse tempo publicava elle o seu livro de estréa—«Minaretes», que hoje tem enriquecido a nossa litteratura com meia duzia de livros bons, notadamente—«Historia de nossa Historia» e «Terra de Santa Cruz», nada mais do que burilados contos e bem feitas chronicas da historia brasileira, diz que ao estudar-se o drama commovente da Confederação do Equador, um dos maiores espantos é a injustiça que, até hoje, a historia tem feito ao padre Gonçalo Ignacio de Albuquerque Mello Mororó.

«Ainda não vi nos livros que levam ás escolas os exemplos do nosso civismo—accrescenta elle—o nome do padre Mororó entre os martyres do sentimento republicano do Brasil. O grande sacerdote cearense foi esquecido lamentavelmente. No emtanto, em todas as phases agitadas da nossa historia não se encontra um vulto que melhor e mais nobremente morresse que o padre Mororó».

Não sei se o festejado historiographo patricio andou bem inspirado quando tracejou taes idéas no brilhante artigo em que se occupou da acção do padre Mororó na Confederação do Equador e seu subsequente

arcabusamento no antigo Campo da Polvora, em Fortaleza, local hoje occupado pelo Passeio Publico.

A obra do padre Mororó, na Confederação do Equador, não é daquellas que mereçam panegyrico dos seus julgadores, perante a historia, antes pelo contrario está a reclamar meticulosa analyse afim de ser apurada a verdade e possa sair esta escorreita dos muitos defeitos, que todos os dias se está a notar nos escriptos daquelles que se têm occupado do assumpto.

Aliás estas falhas são tão sensiveis que facilmente qualquer observador as notará, confrontando os escassos documentos que nos legou a historia da Confederação do Equador, no Ceará, sabido ter havido naquelle tempo uma portaria de José Felix de Azevedo Sá ordenando a todas as autoridades da provincia que fizessem raspar de quaesquer livros de sua repartição os officios, diplomas, portarias e quaesquer outros papeis que tivessem de conservar a lembrança de « tal infamia »,—a malfadada Republica, queimando-se mais os impressos, proclamações e escriptos existentes, o que tudo foi fielmente cumprido conforme o assevera o secretario do governo de então, declarando que toda a correspondencia desse dia em diante (elle alludia ao 27 de Abril de 1824) fôra queimada em virtude da precitada ordem de José Felix ».

Tristão Gonçalves, Pessoa Anta, Carapinima, Bolão e outros, victimas imbelles sacrificadas por motivos da rebellião, têm as suas paginas defeituosas, cheias de contradicção. E não será difficil comproval-o.

* * *

A historia é imperfeita quando eleva a obra de Mororó á altura de um dos mais abnegados proselytos da revolução de 1824, senão a maior victima dos que pagaram, com a vida, a arrojada ambição de querer fincar no solo patrio a arvore da liberdade, como os pernambucanos, mezes atrás, em Recife, já haviam feito « ligando-se por um pacto republicano », e proclamando a Confederação do Equador.

Facil será a justificativa.

Sabendo Tristão das idéas republicanas professadas por Mororó e conhecedor do seu grande preparo, divisou na sua pessôa aquelle que o poderia auxiliar no systema de governo que pretendia implantar no Ceará, convidando-o então para seu secretario.

Mororó excusou-se ao chamado sob o falso pretexto de ser um padre « baldo de conhecimentos », allegando « fazer sua subsistencia de capellanias pelo sertão, onde estava familiarizado, por conseguinte incapaz de exercer um emprego que demandava muita sciencia, principalmente naquelle tempo, que tantas difficuldades tinha a vencer ».

Tristão não acceitou a desculpa. Insistindo no convite anterior, por varias vezes, acabou ameaçando o padre de prisão caso persistisse na desobediencia.

Só por força dessa ameaça—affirma uma testemunha da época—é que Mororó obedece a Tristão, isto o fazendo—attentem bem—com a maior brevidade! Vejamos as falhas da historia, nesse particular, e a sua evidente contradicção.

Como poder admittir-se um individuo que apregoava, publicamente, theorias republicanas, accusado até de haver já proclamado a Republica em Quixeramobim com a exautoração de Pedro I e a quéda de sua dynastia e consequente organização de um governo especial para o Ceará, sentindo-se sempre com a coragem precisa para pôr a descoberto os erros de seus semelhantes, aliás em época de terror como aquella resultante da revolução de 1817, quando a occasião se offerecia em que poderia melhor expandir essas mesmas idéas, tornar em pratica o que até então não passava de pura theoria, se negasse ao chamado para o posto que lhe competia, como sendo o typo que maior somma de conhecimentos litterarios e scientificos armazenava entre os que applaudiam e acompanhavam o seu credo politico? Não se justifica a acção de Mororó.

Objectar-se-á proceder elle assim em reconhecimento ao terreno sáfaro em que se ia alicerçar a so-

nhada republica, vendo os seus pródromos apoiados em falsos esteios, antevendo o insuccesso da causa, emfim, «não divisando nenhum fundamento por onde o Ceará pudesse proclamar uma republica estavel e liberal, embora lhe faltassem meios de defêsa, bastando somente a lembrança de que Pernambuco e o Ceará não se podiam sustentar sómente». Tanto previa elle as más consequencias da acção posta em pratica por Tristão Araripe—dirão os que leram Ximenes («Memorias») que ao deixar Quixeramobim teve o presentimento de abraçar, pela ultima vez, sua cara irmã, mãe do mesmo Ximenes, e demais parentes.

Mororó vacillou naquelle decisivo momento. Aliás, tal estado de fraqueza não foi unico em sua vida.

Na edição do «Diario do Governo do Ceará», de 17 de novembro de 1824, sob sua direcção, encontra-se uma despedida do padre em fórma de aviso, ao seguir para o Rio de Janeiro.

E' de extranhar a redacção de tal aviso que não está relativa com os talentos de Mororó, suppondo-se ter sido o mesmo escripto em momento de grave perturbação de espirito ou feito por outrem a seu mandado, sem que, entretanto, puzesse elle as vistas em tal manuscripto.

Nesse documento diz elle, ao partir para o Rio de Janeiro «ou para onde melhor lhe convier» beija as mãos de seus amigos aos quaes não pode visitar, rogando-lhes muito não perdoarem as suas faltas para se emendar elle de seus erros politicos tão somente, esperando do «publico imparcial verdade e justiça».

E', não ha duvida, como disse o sr. Barão de Studart, um attestado da fraqueza de animo de Mororó.

Teve, porém, elle, a coragem para encarar, resoluto, a morte, possuido da maior calma que imaginar se póde, negando-se—parece esperançoso de salvação—á escapula offerecida por mão amiga—o commandante de um navio inglez, sem duvida para torrão estrangeiro, em nada ficando aquem de procedimento identico que tivera em Recife, perante seus carrascos, o grande Frei

Joaquim do Amor Divino Caneca, executado no largo das Cinco Pontas, em 1825, podendo-se comparar ainda o seu não pequeno gésto ao dest'outro patriota Agostinho Bezerra, resistindo á fuga, que lhe facilitava o commercio de Recife, por intermedio de dous mensageiros.

A vida tem dessas surprezas: algumas que rebaixam, aviltando o caracter do individuo; outras que ennobrecem, elevando-o á admiração da posteridade. A de Mororó passou por ambas essas vicissitudes. Si, sob pretextos futeis, nos quaes transparecia, unicamente, o temor de que se achava elle apoderado, chegando, mais tarde, a confessal-o em publico—desistindo do **perdão humano para vêr se assim conseguia emendar-se dos seus erros politicos**, excusava-se a fazer parte de um governo que adoptava, justamente, as suas liberaes theorias, uma vez dentro delle, influindo, directamente, em suas relações administrativas, tornou-se um dos sustentaculos, aquelle que importante papel desempenhou, pelo menos foi o inspirador dos manifestos republicanos que a historia conhece.

Em face, pois, do que se tem escripto, até hoje, e dos poucos documentos conhecidos na historia, se não póde affirmar fosse Mororó um dos precursores da Confederação do Equador, quando sua collaboração foi coagida, se tornou obrigada.

Pensar o contrario, acreditando-se ter Mororó demonstrado, no momento em que fôra chamado de Quixeramobim para a capital, por Tristão, a mesma coragem que apresentava na propaganda que fazia da causa republicana, é desvalorizar-se o documento que parece mais se approximar da verdade, estas « Memorias » de Ximenes citadas por aquelles que se têm occupado da acção de Mororó na ephemera republica de 1824, inclusive o seu maior biographo até nossos dias, o respeitavel coronel João Brigido, de saudosa memoria, que, com minucias, debuxou a sua vida.

Ximenes é parente proximo de Mororó. Embora muito joven, 16 annos se tanto, naquelles tempos, como

confessa, possuia discernimento de sobra para comprehender as coisas, e era capaz de guardar, vivos na imaginação, aquelles factos tão bem descriptos, annos após, em suas «Memorias», e que diziam respeito ás particularidades da vida de seu tio.

Não se póde, entretanto, escurecr o procedimento anterior de Mororó na propaganda feita em prol de seu ideal republicano. Proceder contrariamente será attentar contra os corollarios da historia, nesta parte. Não se contesta é que se outros fossem os seus meritos, mediocres mesmo, certo Tristão não o destacaria em meio aos dos de seu tempo para leval-o ao posto que o levou, fazendo-o collaborar em seu infeliz governo, como um dos mais dedicados auxiliares.

Se elle, Mororó, no momento da apresentação do bispo Azerêdo Coutinho — ainda quando seminarista, annos, portanto, anteriores á revolução de 24, demorou-se com esse prelado «o tempo bastante para fazer-se conhecer até o fundo d'alma», a ponto de dizer Azerêdo que elle havia de perder-se na primeira revolução que houvesse no Brasil — prophecia que se realizou, não na primeira (1817), mas na segunda (1824), ao chegar o momento opportuno sentiu-se fraco, incapaz de enfrentar o perigo, negando a sua co-participação immediata ao patriotico movimento.

Em todo caso muito dignifica o nome de Mororó a grande presença de espirito que teve ao avistar o patibulo, avizinhando-se de um seu companheiro de desdita (João de Andrade Pessôa Anta) e proferindo estas palavras: — **Oh! Andrade, que teus? Estás com medo? Anda, come e bebe; deixa-te de fraqueza. Não sabes que os homens de bem, os que plantaram a sublime arvore da liberdade não duvidarão em defrontar os maiores tormentos, e arrastar horriveis cadeias? A medonha presença d'um cadafalso não faz gelar o ardente sangue que circula em suas veias! Sê, pois, constante, comamos e bebamos».**

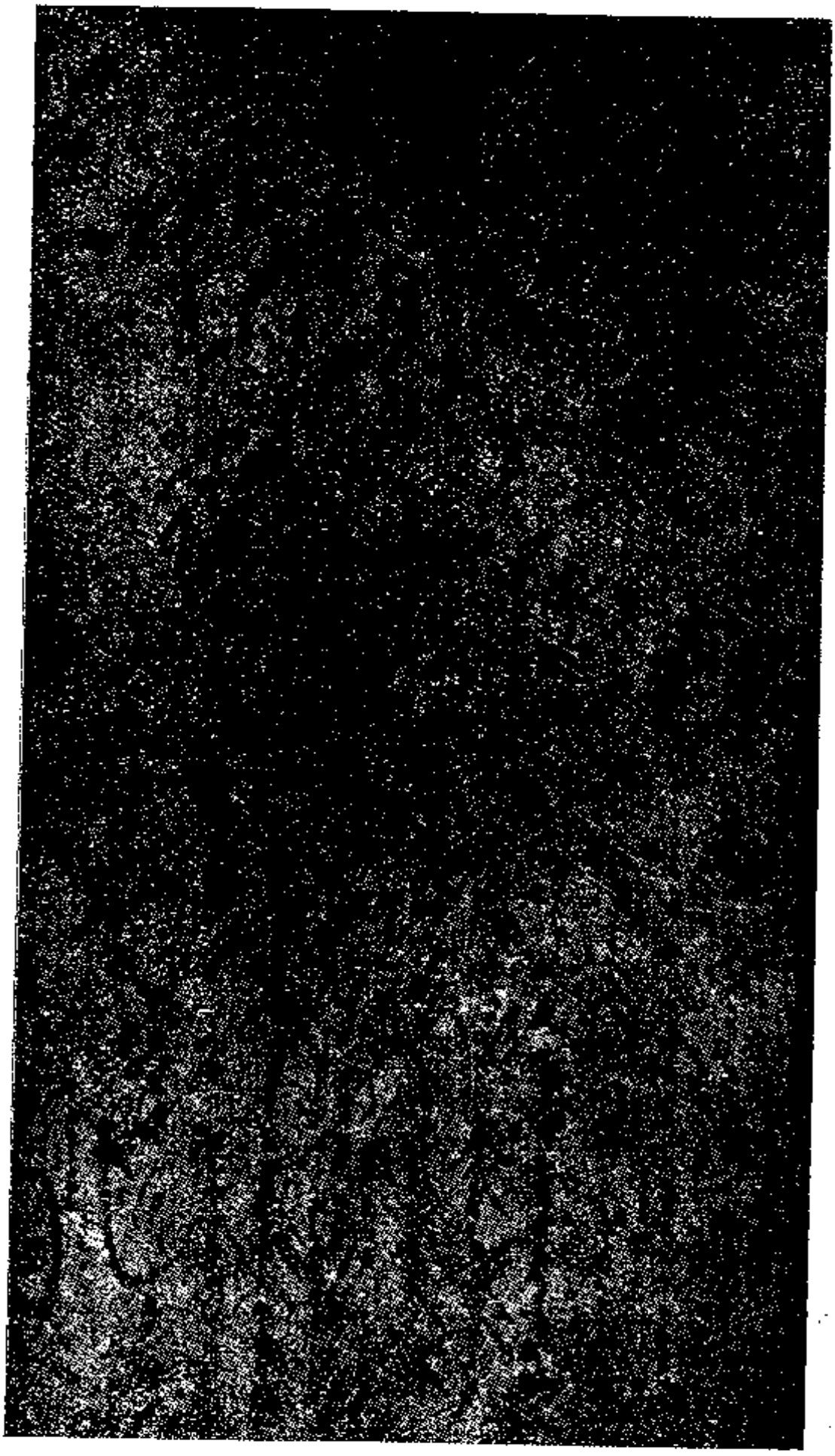
Este facto, narrado pelo sobrinho (Ximenes) do padre Gonçalo Mororó, é contestado pelo sr. desembargador Paulino Nogueira, em seu importante trabalho «Execuções de Pena de Morte no Ceará», affirmando que, em primeiro logar, Andrade nunca se acobardou ao ponto de precisar de taes insinuações; em segundo, comprehende-se bem que um sacerdote, em tão pungentes momentos, já vis-à-vis da eternidade, não dirigiria a um companheiro de desgraça, que se concentrasse, palavras só proprias de um pandego em uma pandega.

Não é de admirar a contradicta do illustrado desembargador, de saudosissima memoria. Quem compulsa a historia do Ceará reconhece, a todo instante, serem communs estas contestações entre aquelles que se têm occupado do desenvolvimento dessa mesma historia. Aliás o sr. desembargador Paulino Nogueira justifica sua observação com o testemunho occular do padre Antonio de Castro e Silva, um dos confessores d'agonia do padre Mororó.

Que contraste! . . . Como se transforma um caracter! . . . De fraco, vacillante, que fôra, antevendo o perigo, valoroso, heróe se tornara ao enfrental-o e quando nenhuma esperança havia de salvação! Mororó não quiz ficar aquem de seus companheiros de infortunio Caneca, Agostinho Bezerra, Martins Pereira, em Recife, e Ractclif, no Rio, vultos que se impuzeram na historia porque altivos, sobranceiros, encararam a desgraça, sem o menor vislumbre de desfallecimento—gesto sufficiente para symbolizar a liberdade ardentemente ambicionada.

* * *

Do exposto póde-se concluir : ser imperfeita, como se affirmou atraz, cheia de senões, a historia, emprestando ao padre Gonçalo Ignacio Loyola de Albuquerque Mello Mororó as qualidades de precursor do movimento republicano de 1824, quando a verdade é que a sua acção, em face de documentos cuja procedencia está a salvo de qualquer suspeita, foi constrangida, for-



çado como foi a servir no governo republicano por suggestões do presidente e autor deste systema de governo—Tristão Gonçalves de Alencar Araripe.

Que só depois de reiterados convites, feitos sob ameaças, é que se dispoz o padre Mororó a prestar o seu concurso ao «malvado movimento», como classificaram os de seu tempo, sendo, portanto, derimida a sua culpa no desenvolvimento tomado pela mallograda republica, embora relevantes serviços prestasse elle aos seus poucos dias de duração, na qualidade de seu secretario e um dos maiores senão o maior collaborador intellectual.

Que perdendo o padre Mororó as qualidades de precursor da Confederação do Equador, no Ceará, fez jús, entretanto, á admiração dos pósteros por ter sabido elevar, dignamente, o nome cearense, supportando, com coragem e resignação não communs, os êrros de seus julgadores contemporaneos, encarando, com firmêsa, o seu martyrologio e «sendo ainda um dos poucos que souberam, ao menos no caminho da morte, fazer honrar ás opiniões proclamadas, resgatando, com sua bravura, as fraquêzas do primeiro momento, e seguindo o exemplo nobre de Tristão, que se deixou matar mas não capitulou».

Quixadá—Ceará.

EUSEBIO DE SOUZA.